

Otacílio de Azevedo

No ano de 1888, quando abria os olhos a este mundo o poeta Júlio Maciel, morria em Fortaleza o Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra, nascido no Riacho do Sangue, em 1810.

Intensa foi a sua atividade intelectual.

Formado em Direito pela Academia de Olinda, em 1836, ingressaria na política ao retornar à sua terra, sendo deputado provincial de 1840 a 1843 e de 1870 a 1873. Foi deputado geral na legislatura de 1845 a 1847, Presidente da Câmara Municipal de Fortaleza no quadriênio de 1860 a 1863. Como 3º Vice-Presidente da Província, teve de assumir, embora por poucos dias, as rédeas do governo, em outubro de 1872.

Aposentou-se em 1874 como Inspetor do Tesouro Provincial, após ter sido Procurador Fiscal da Tesouraria da Fazenda, Inspetor interino da Instrução Pública, por três vezes, lente substituto de Geometria e efetivo de Português no Liceu de Fortaleza, e Juiz Municipal de Quixeramobim.

Grande cultor do Latim e da língua pátria, versado em questões filosóficas, mas intransigentemente religioso, nunca deixou sem a devida réplica qualquer obra que tratasse de empanar o brilho da religião de seus maiores, da qual era um paladino ardoroso, rechaçando, a golpes de argumento, as mais profundas afirmações de seus opositores. Colaborou nos jornais *Pedro II* e *Tribuna Católica*, onde sempre se sobressaiu, sendo alvo da admiração do público católico, não só pela segurança de sua sólida cultura, como pela precisão de sua linguagem candente. Era o Dartagnan das hostes clericais, onde sua pena, como a espada daquele, abria, com desassombro, caminhos às suas convicções inabaláveis.

Mas não só no jornal deixou a marca de seu talento. Deixou livros, versando ora problemas da língua, ora problemas de religião. Em 1861, publicou o *Compêndio de Gramática Filosófica do Liceu Provincial*; em 1864, *Os Dogmas Políticos do Cristão*; em 1868, *O Inferno ou a Refutação do Folheto de Alfredo Maury Negando a Existência do Inferno*; em 1877, o *Compêndio de Gramática da Língua Nacional* e, em 1884, *O Que é o Protestantismo*.

Vicente Mendes, por ocasião do falecimento do Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra, escreveu: “Às bordas do sepulcro do crente que se esvaiu num meigo sorriso de anjo, a lágrima simboliza a saudade e significa a esperança. Prantear o justo que se desprende das cadeias terrenas e ascende às místicas regiões da Eternidade, é abraçar o viandante que, chamado à Canaã celeste, mergulha na noite do túmulo, tendo como bordão a Cruz e como guia a Fé.”

Sobre suas lutas, escreveu a mesma pena: “Quer na imprensa, quer na tribuna, o ilustrado mestre, cuja erudição era vastíssima e profunda, manifestou sempre a máscula energia de suas convicções, defendendo-as com os recursos da ciência sem jamais descer à pequenez do vocabulário injurioso. Arrostando valente e modestamente o orgulho do século, ele nunca permitiu que a mentira e o sofisma, aformoseados com as vestes da ciência, ecoassem sem um brado de indignação, sem um protesto imediato.”

O Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra, ilustre patrono da Cadeira fundada por Andrade Furtado, pode ter sido exageradamente intransigente, às vezes, em seus combates intelectuais, contra os que não comungavam com os seus ideais, contando-se entre estes os brilhantes espíritos daquela plêiade onde fulgurou a inteligência imortal de Rocha Lima. Ninguém, no entanto, poderá negar-lhe a cultura, a coragem e, sobretudo, a autenticidade. É digno de admiração aquele que, ao defender seu pensamento, arrosta as fúrias das tempestades com a rigidez do granito.

O Dr. Soares foi alvo dos ataques dos jovens que escreviam no jornal *Fraternidade* precisamente quando iniciou uma

sérle de conferências na Praça da Feira Nova. Dessas conferências nasceram os artigos que se publicaram, nos quais se condenava a sua educação ultramontana, e onde o conferencista era tido como “um velho tolo e ignorante”. Mestre Djacir Meneses, que evoca esses acontecimentos, na introdução que fez para a terceira edição da imperecível obra de Rocha Lima, depois de traçar em linhas rápidas o retrato intelectual do ilustre Patrono da Cadeira nº 26, conclui: “Era, portanto, o adversário austero e digno, sempre na brecha contra os jovens que arvoravam bandeiras lembrando leituras de enciclopedistas e revolucionários franceses. Não era aquele “velho tolo e ignorante” como ridicularizava o jornal adversário.”

O Dr. Soares, por seus relevantíssimos serviços prestados à causa católica, mereceu do Papa Pio IX o Hábito de Cristo e o de S. Gregório Magno.

Este, o emérito Patrono da Cadeira que tenho a grande honra de ocupar, sucedendo a Andrade Furtado, que parece haver-lhe seguido as pegadas, na luta ingente pela conservação dos valores do espírito, pela sublimação dos ideais de sua crença.

De passagem, é interessante observar a enorme coincidência que há entre essas duas personalidades ilustres: Dr. Soares e o Dr. Andrade Furtado. Tinham o mesmo nome, *Manuel*; assinavam com quatro nomes; ambos foram corajosos defensores de suas idéias; ambos foram extremados católicos; ocuparam cargos políticos, tendo ambos empunhando as rédeas do Governo do Estado; professores foram, assim como homens de imprensa. Acrescente-se a isso tudo o fato de haverem sido juízes, e ainda a idade com que faleceram, Manuel Soares com 77 anos e Andrade Furtado com 78. São indiscutivelmente almas gêmeas, ligadas pela maior afinidade.

Senhores Acadêmicos:

Há muitos anos, desde menino, sei da estória de um pintor, autodidata, que se habituara, durante toda a sua existência, a pintar retratos a óleo, do natural, mas bustos, apenas. Especializara-se na pintura do rosto humano, saindo-se muito bem nesse mister.

Aconteceu, porém, certa feita, ser obrigado a pintar, não um busto, no que era mestre, mas um grande retrato, de corpo inteiro, que deveria destacar-se de uma paisagem ao fundo. Isso o entristeceu, por não conhecer a anatomia do corpo, tampouco a perspectiva. Desenhado o busto com extrema facilidade, daí por diante encontrou os maiores obstáculos. No esboço que tentava, ora a cabeça parecia-lhe pequena demais em relação ao corpo, ora demasiado grande para o devido equilíbrio que a difícil obra requeria. Havia em tudo um desajuste de proporções, não chegando nunca a um ponto satisfatório. Faltava-lhe a dimensão geral, razão por que a sua incompetência saltava a olhos vistos, a cada traço que dava. e cada pincelada que timidamente ousava.

Pois bem, meus caríssimos Acadêmicos, esse pintor sou eu, neste momento. Acostumado a fazer versos, e a rabiscar ligeiros comentários nas aberturas de alguns livros de poetas incipientes, impulsionado somente pelo coração, tenho de fazer o elogio de Manuel Antônio de Andrade Furtado. Afigura-se-me ele, como ao pintor de que vos falei, aquela imponente figura de corpo inteiro, destacando-se majestosamente da paisagem. Falar de sua vida e de sua obra seria um prazer, não fosse a tristeza irremediável de ter que fazê-lo justamente quando ele deixou o nosso convívio.

Falece-me, todavia, competência para exprimir o que desejaria a respeito dessa figura fidalga, cavalheiresca, figura que vive esculpida em minha memória como um camaféu sagrado, um alto-relevo de Benvenuto Celini, luminosa e heráldica, como em vida, dentre uma auréola de resplendor.

A vida laboriosa de Andrade Furtado foi um belíssimo exemplo de coragem, honradez, valor e profunda tenacidade.

Experimentou todos os meios honrosos que lhe permitissem não somente vencer, mas também ajudar a seus semelhantes, verdadeiro cristão que era. Era ilimitado o seu apreço às coisas belas e grandiosas.

Nascido em Quixeramobim, no dia 28 de janeiro de 1890, filho de José Furtado de Mendonça Bezerra de Meneses e de Ana Stela de Andrade Furtado, entregou-se, desde que aqui

chegou, em 1907, de corpo e alma, à árdua tarefa do estudo, numa época em que tudo era mais difícil. Com os maiores esforços, segundo me confessou certa vez, concluiu os preparatórios no velho Liceu e mais tarde realizou seu primeiro grande sonho, bacharelando-se na Faculdade de Direito do Ceará, em 1915, sendo o orador da turma.

Um dos mais fortes baluartes da religião católica no Ceará, dirigiu, desde sua fundação, em 1922, o jornal *O Nordeste*, jornal modelo entre as folhas religiosas do País. Era ele, em pessoa, a vida daquele periódico, que não mais existe.

Jornalista, homem público, poeta, homem de negócios, em tudo o que fez deixou a marca de sua personalidade incomparável, de sua conduta exemplar. Mesmo olhado com os mais irreverentes olhos de um Agripino Grieco ou de um Antônio Torres, não apresentaria Andrade Furtado o menor defeito, um ligeiro senão que viesse desabonar sua linha de conduta, como homem ou como intelectual. Nada lhe maculava a ebúrnea limpidez do caráter, a retidão de sua vida.

Terminado o dia de estafantes trabalhos, de lutas em meio a notas promissórias, cheques, duplicatas, no banco do qual era das principais figuras, Andrade Furtado, no aconchego de seu lar, ao lado da esposa e dos filhos amados, dava asas à sua imaginação de poeta, e escrevia versos a Quixeramobim, que o viu nascer, e à Virgem Maria, de quem era devoto.

Era nesses instantes de grata recordação que o seu espírito voava numa esplanada de luz, para a terra em que nasceu, ouvindo-lhe os pássaros, sentindo o perfume de suas flores silvestres, mirando-se nos espelhos de seus lagos através da maior das saudades, deixando no papel o testemunho da sua fina sensibilidade.

Falei há pouco sobre a notável afinidade entre o Dr. Soares e Andrade Furtado. Permitam-me os que me ouvem, porém, o orgulho de afirmar que, pelo menos numa coisa, não houve afinidade entre o Patrono ilustre e o ilustre fundador da Cadeira nº 26. Foi quanto à Poesia. E falei em orgulho, porque a afinidade, aqui, é entre mim e ele. É até interessante lembrar que, com relação à literatura, sempre estávamos de

comum acordo, quanto à excelência de um romance, de um poema, ou outros quaisquer aspectos da vida literária. E, porque sempre estávamos de acordo, eram nossas ligeiras palestras sólidos vínculos que nos prendiam, cada vez mais, na mesma corrente.

Agora mesmo o vejo, Senhores Acadêmicos, tal como o vi pela derradeira vez, com aquele mesmo sorriso sincero com que me garantiu seu voto para a Cadeira de Tomás Pompeu Sobrinho, bem longe de imaginar que, por imposição do destino inexorável, era na sua Cadeira que eu iria sentar-me.

Andrade Furtado foi formiga e foi cigarra ao mesmo tempo. Trabalhou com dedicação para encher o seu celeiro, e cantou com alma para encher de poesia as arestas espinhosas dos caminhos ásperos por onde andou levando ao ombro o pesado madeiro da existência. Foi um bom e um puro, sendo acima de tudo autêntico. Era um bom, eu o disse, mas nada no mundo o faria mudar seu modo de agir para agradar à opinião de outrem simplesmente, violentando suas convicções inabaláveis. Como religioso, foi tão intransigente que não se conformava com a idéia de que fosse o fundador de Fortaleza Matias Beck, um inimigo de sua religião, como lembrou José Aurélio Câmara. Como artista, tão inabalável foi também que jamais admitiu um poema sem versos medidos, e bem medidos, sem rimas, e sem todas as iniciais dos versos miúsculas! Lembro-me de que sempre implicou com a minha maneira de escrever, à espanhola, usando maiúsculas apenas depois do ponto. Estivéssemos no tempo em que os deuses mitológicos eram permitidos entre nós, e eu o chamaria de Hércules de nossa imprensa, ou Sísifo, bem capaz de arrastar montanhas para construir novos mundos, novos Universos.

Não chegou a publicar seus anunciados livros *Musa do Lar* e *Lida Cristã*. Talvez mesmo porque não se empenhava a fundo em dar publicidade a seus versos. No entanto, não se conformava com o silêncio que se avoluma em torno de alguns nomes de nossa poesia, daí nascendo a série de artigos em que reivindicou ao olvido figuras como Antônio Furtado, o burilador dos alexandrinos majestosos, e Vasco Bení-

cio, o delicado cantor dos *Harpejos* e de *No Outono*, além de outros.

Raimundo Girão, em sua *Antologia Cearense*, apresenta-nos dois belos sonetos de Andrade Furtado. Um deles é “*Via et Vita Nostra*”, que deveria figurar na *Lira Cristã*:

*Bendito sejas Tu, assim pendente,
Braços abertos e na Cruz pregados!
Do teu sangue uma gota, uma somente,
Redimiria todos os pecados.*

*És o Filho de Deus Onipotente,
Cujos méritos viste amesquinados,
— Vitima augusta, vitima inocente
Do mais injusto e cruel dos atentados!*

*Mãos laceradas, pulsos contundidos,
Frente cheia de espinhos, peito aberto,
Olhos cerrados, lábios sem gemidos...*

*Quanto sofreste, Herói extraordinário!
E os que hoje mais Te odeiam foram, certo,
Por quem mais padeceste no Calvário...*

O outro é “*Ofertório*”, que figuraria em *Musa do Lar*:

*Toma este livro... Vê! A ti pertence...
São pobres versos sem fulgência prima.
Tem um mérito, entanto, te convence:
— Reflete o brilho teu em cada rima.*

*Quem o leia, talvez, consigo pense
Que nele descrevi a minha estima...
Puro engano! O impossível não se vence:
Ele está acima do homem, muito acima!*

*Meu afeto imortal, certo, não há de
Caber no espaço de uma estrofe breve
Só por satisfazer minha vontade.*

*Neste livro, porém, alma querida,
Encontrarás reminiscência leve
Deste tão grande amor por toda a vida.*

Este soneto, segundo Violeta Canízares, em artigo recente, foi escrito em novembro de 1913. Desse mesmo ano, por sinal, é o poema que vos lerei, transcrito do mesmo artigo. É, sem dúvida, um de seus mais belos poemas, tão belo que nos faz lembrar a lira magnífica de Alberto de Oliveira:

*Vinhas cansada, vinhas ofegante,
Solto o cabelo sobre a gola azul...
Filha, naquela gruta, àquele instante,
Eras bem mais formosa e deslumbrante
Que as flores do jardim, que as estrelas do sul.*

*Quando te vi tão lépida, subindo
A escarpa nua no escabroso acesso,
Contemplei teu olhar tão meigo e lindo
Parecias o sol que vinha abrindo
Da gruta iluminando o véu de sonho espesso.*

*Pediste que o caminho eu te indicasse...
Quanto folguei, ouvindo-te falar!
A tinta que incendia a tua face
Era um toque sutil, tênue e fugace,
Da rubra cor da aurora, antes de o sol raiar!*

*Tua voz era doce e emocionada,
E o teu cansaço fê-la ser tremida...
Trinos das aves antes da alvorada,
Gorjeios, árias, hinos, cantos, nada
Se pode equiparar àquela voz na vida!*

*Ofereci-te a minha mão grosseira
Que sustentou a tua mão franzina,
Na passagem mais alta da ladeira.
Não foi, naquele instante, a vez primeira
Que minha mão viril tremeu por ti, menina!*

*No alto paraste, quase sem alento . . .
Rias um riso que ninguém traduz.
Vendo-te, assim, em desfalecimento,
Eras na minha vista, em tal momento,
Bela visão do céu, envolvida de Luz!*

Senhores Acadêmicos:

É com a alma de joelhos que vos agradeço o carinho com que sou acolhido neste hospitaleiro recinto, nesta aurífera colméia onde fulgem os mais robustos espíritos de nossa intelectualidade. Agradeço comovido aos que me sufragaram o obscuro nome, sem esquecer porém a iniciativa primeira do meu amigo Raimundo Araújo, que não faz parte desta Casa, mas a quem devo o primeiro incentivo.

A vós todos eu devo estes momentos de arrebatamento, que me empolgam e me levam aos píncaros da Glória, nas asas da vossa augusta Bondade.

Ao poeta e amigo Jáder de Carvalho, um agradecimento especial por haver tecido tantos e tão generosos elogios em torno de minha obscura carreira de verzejador.

Muito obrigado.

CADEIRA N.º 24

Patrono: Lívio Barreto

Vaga: Falecimento de Gastão Justa

Recepiendo: Artur Eduardo Benevides

Recepiendário: Pedro Paulo Montenegro

Data da posse: Outubro de 1970

PEDRO PAULO DE SOUSA MONTENEGRO. Nasceu em Quixadá, no dia 9 de janeiro de 1928, filho de Plutarco de Moura Montenegro e Maria Stela de Sousa Montenegro. Bacharel e licenciado em Letras Neolatinas pela Pontifícia Universidade Católica (PUC), do Rio de Janeiro. Diplomado pela Faculdade de Direito do Ceará em 1955. Tem o Mestrado em Teoria da Literatura obtido na Universidade de Madri, revalidado na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Titular de Teoria da Literatura na U.F.C. e Adjunto de Catedrático do Magistério do Exército. Publicou: *A Dinâmica dos Pronomes Pessoais em Espanhol* (1956); *Convivências — Estudo de Teoria Literária* (1969). Traduziu o livro de Malagon Barcelo — *A Literatura Jurídica Espanhola do Século de Ouro na Nova Espanha* (1971); *A Teoria Literária na Obra de Araripe Júnior* (1975).

Artur Eduardo Benevides

O ingresso de Vossa Excelência, como membro perpétuo na mais antiga Academia de Letras do Brasil, constitui, antes de mais nada, justo prêmio ao irrecusável valor de quem tanto vem realizando pela cultura intelectual do Ceará, não só no estudo e na interpretação de fenômenos oriundos de nossa problemática literária, senão também na permanente orientação ministrada, na cátedra universitária, às novas gerações.

Vossa Excelência vem ocupar um lugar que, em verdade, já lhe pertencia, pois de há muito deveríamos estar recebendo a valiosa cooperação de sua inteligência criadora, que se manifesta sempre com a lucidez e o brilho das mentes bem do-